



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de abertura do II Encontro de Habitação da Agricultura Familiar
Chapecó-SC, 23 de junho de 2006**

Eu queria pedir compreensão aos ministros e à mesa, porque eu não vou ler a nominata. A nominata tem muitos nomes, eles já foram falados por muita gente e se eu repetir os nomes, daqui a pouco todo mundo vai querer ser candidato a alguma coisa, porque acha que já ficou muito conhecido.

Então, eu não vou dizer nome de ninguém, vou apenas cumprimentar o Ministério das Cidades,

Cumprimentar o MDA,

Cumprimentar a Caixa Econômica Federal com quem o Tortelli cometeu um equívoco. Se o Tortelli me permitir... na verdade, eu disse para o Tortelli que ele deveria ter dado a casa para a Presidente da Caixa Econômica Federal. Ele, obviamente, que justificou para mim, corretamente, que o Superintendente da Caixa para quem ele deu a casa, lá de Passo Fundo, é um companheiro da mais alta ligação com o Movimento. Então, eu queria pedir o seguinte, Tortelli: quem fez esta casa pode fazer outra. Então, vá lá entregar para ela. É sempre bom a gente fazer justiça, reparar.

Meus amigos, primeiro, esta é a 13ª vez em que eu participo de um evento da Fetraf-Sul, e agora tenho que participar mais, porque já não é só Fetraf-Sul, é Fetraf-Brasil. Então, eu quero cumprimentar, neste momento, os companheiros e companheiras da Fetraf-Sul do estado do Paraná, da Fetraf-Sul do estado do Rio Grande do Sul e da Fetraf-Sul do estado de Santa Catarina. E dizer para vocês que a minha vinda aqui, hoje, é apenas para consolidar o trabalho que o governo vem fazendo para reparar erros e deficiências históricas que se cometia com os trabalhadores do campo deste



país.

Há um conjunto de políticas públicas visando ao atendimento da agricultura familiar neste país. Se nós tivéssemos começado 20 anos atrás, certamente nós teríamos muito mais gente no campo, certamente não teria acontecido o êxodo rural com a força que aconteceu e, certamente, o Brasil estaria muito melhor do que ele está hoje.

E por que estamos fazendo isso? Porque normalmente, quando vamos ao supermercado fazer uma compra de produtos para a nossa casa, muitas vezes nós compramos e nunca fazemos a ligação entre aquele produto que estamos comendo e as pessoas que produziram aquele produto. Muita gente pensa que, às vezes, é apenas um grande produtor rural de milhares de hectares que plantou aquilo quando, na verdade, parte das coisas que nós consumimos são produzidas pela agricultura familiar brasileira. E a importância de fortalecer a agricultura familiar brasileira é a gente ter a certeza de que mais homens e mulheres vão continuar trabalhando no campo mas, sobretudo, nós vamos convencer, com coisa muito prática e concreta, as pessoas mais jovens a continuarem a trabalhar no campo.

Na casa em que fui abrir a porta e entregar a chave para o dono, ele tem uma filha que mora com ele e o sonho dela é trabalhar no campo. Mas, se o Estado brasileiro não der condições para que essa moça possa estudar, ter um aprendizado mais técnico-científico para cuidar da propriedade dos pais, certamente ela não vai ficar trabalhando na roça apenas para pagar dívida no final do ano. Ela vai para a cidade construir a sua vida, sobretudo porque um dia ela vai se casar e vai querer ir embora com o marido.

Então, quando a gente estabelece uma política em parceria com as cooperativas, com as entidades sindicais para construir casas para as pessoas que trabalham no campo, nós estamos construindo mais do que uma moradia, nós estamos construindo uma moradia e dizendo às pessoas mais jovens que elas já não precisam, porque se casaram, sair da sua terra ou deixar a casa do



pai, porque elas podem ter o financiamento de uma casa para elas nas mesmas condições que nós vimos hoje, aqui na cidade de Chapecó.

Eu tinha que vir aqui porque muitas vezes a gente fala em habitação e a gente não sabia que no campo tinha muita gente que, embora tenha o seu pedacinho de terra, tinha uma casa em péssimas condições e não tinha recursos para melhorar a sua casa. Eu espero, Maria Fernanda, eu espero, Márcio Fortes, eu espero, meu caro Guilherme, eu espero, meu caro Tortelli, que vocês continuem aprimorando e aperfeiçoando esse financiamento, porque essa é a forma de a gente garantir que as pessoas fiquem no campo por opção e não por obrigação, fiquem no campo por prazer e não por castigo.

Há algumas coisas que nós fazemos que têm me deixado orgulhoso. Por exemplo, quando nós tomamos posse na Presidência da República o Pronaf era um dinheiro que chegava aos três estados do Sul: mais ao Rio Grande do Sul; no meio, Santa Catarina; menos no Paraná e, em São Paulo chegava menos ainda.

Hoje a boa notícia não é que nós apenas triplicamos o dinheiro do Pronaf, a boa notícia é que hoje, no estado do Acre, no estado de Rondônia, no estado da Paraíba, no estado do Amazonas, no estado de Pernambuco, no estado do Piauí e no estado do Ceará, são milhares de pequenos agricultores que nunca tinham conseguido chegar sequer à porta do Banco do Brasil, porque também tinha uma orientação deficiente de que pobre que estava de sandália não podia entrar em banco ou, se entrasse, era malvisto. Nós precisamos de um processo de reeducação dos nossos gerentes de bancos para que eles pudessem atender o pequeno com o mesmo sorriso na cara com que ele atendia o grande. Aí, o pequeno sertanejo do Nordeste, que não tinha o hábito que tem o povo do Sul do país, aprendeu que também podia ir ao banco e pegar o seu dinheiro.

O último acordo que nós fizemos, e fizemos um acordo bem melhorado, aumenta o financiamento, diminui a taxa de juros, ou seja, é um acordo que a



gente vai conquistando e aperfeiçoando cada vez. E por que vamos aperfeiçoando? Porque a cada ano vocês vão aprendendo a ter novas necessidades, vão descobrindo novas técnicas, novas formas e vão exigindo do governo que vá aperfeiçoando. E nós vamos continuar, Tortelli, fazendo acordo. Nós queremos, todo ano, poder chegar nesta época do ano e ter concluído os acordos, para que a gente possa garantir que a agricultura familiar seja uma agricultura competitiva, seja uma agricultura forte, geradora de empregos e geradora de renda.

Mas nem tudo acontece como a gente gostaria que acontecesse. E eu quero dizer para vocês que isso vale para a vida da gente, vale para a agricultura da gente. Às vezes, a gente planta o negócio e fica dizendo: bom, este ano eu vou fazer uma colheita extraordinária. E, de repente, não chove, vai-se embora o nosso sonho; ou, de repente, a gente planta e chove demais, vai-se embora o nosso sonho; ou, de repente, a gente planta e quando colhe não tem preço, vai-se embora o nosso sonho.

Então, nós precisamos cuidar e criamos uma coisa que eu não sei porque não tinha sido criada 50 anos atrás neste país, que é o Seguro Agrícola. O Seguro Agrícola, quando teve, no ano passado, a primeira forte seca no Sul do país, numa semana nós colocamos 500 milhões de reais para a agricultura do Sul do país. Primeiro, eu espero que a gente não tenha mais seca, espero que o castigo que Deus tinha que nos dar, já tenha dado. Não sei se vocês perceberam mas, no ano passado teve seca no Pantanal, teve seca no estado do Amazonas e teve a maior seca dos últimos 50 anos no Rio Grande do Sul, coisas a que as pessoas não estavam habituadas. E aí, quando tem uma seca, as pessoas logo culpam o governo federal, porque o governo é a última instância. Como a gente não pode culpar Deus, a gente então culpa o governo federal, a gente tem sempre que procurar um culpado.

E o que nós precisamos fazer? Ao invés de ficar zangados e nervosos, porque as pessoas nos cobram, nós temos que ir criando mecanismos para



que seja quase uma coisa automática. Se tem uma crise por falta de chuva ou por excesso de chuva, nós temos que ter o trabalhador trabalhando com a tranqüilidade de que ele não tem que fazer nenhum sacrifício, porque a estrutura do Estado brasileiro está preparada para atendê-lo. E esse Seguro Agrícola é, na minha opinião, Guilherme, a coisa mais importante que nós fizemos, é a coisa mais sagrada, porque vai permitir que vocês plantem e não fiquem com dor de barriga cada vez que der um trovão ou quando passar uma semana com o sol esquentando cada vez mais. Lógico que vocês vão querer produzir mas, se vier uma coisa que a gente não estava esperando, a gente sabe que vai ter parte do nosso lucro garantido pelo Seguro Agrícola.

E essas coisas vão acontecendo por causa da nossa relação. Se dependesse só de mim, lá em Brasília, ou se dependesse só do Ministério, do MDA ou do Incra, não aconteceria, porque os problemas são tantos... a gente acaba de fazer uma reunião sobre um problema, aparecem 500 outros problemas. Se não fosse a nossa relação, uma relação em que vocês nunca abaixaram a cabeça para nós, nunca deixaram de fazer as críticas que têm que fazer... Eu nunca pedi para nenhum companheiro deixar de fazer crítica ao governo. Quando o governo estiver errado, façam as críticas que tiverem que fazer, porque muitas vezes uma boa crítica é melhor do que uma má “puxação de saco”, é melhor do que uma coisa que não nos agrada. Não me interessa isso.

E você me conhece, Tortelli, os companheiros me conhecem há muito tempo, eu prefiro uma boa crítica quando ela tem consistência, quando ela tem sustentação técnica. Agora, de vez em quando as pessoas reivindicam coisas que precisaria 80 anos de mandato para atender.

Bem, eu estava dizendo que nem tudo anda bem. Faz uns dois ou três meses que, lá no Palácio do Planalto, eu assinei um Decreto permitindo que os trabalhadores da agricultura familiar do Sul do país pudessem vender os seus produtos além dos seus municípios. Porque até agora, o cidadão fazia um



salame bonito, uma cuca bonita, uma coisa qualquer gostosa e só podia vender dentro do município, ele não podia sair de Chapecó e ir vender no outro município, porque tinha uma proibição na questão da sanidade animal.

Então, eu fiz um Decreto criando um sistema único de atenção à sanidade animal. O que era isso? Nós íamos, com um sistema único, permitir que um trabalhador do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina, um trabalhador do Paraná, um trabalhador de Pernambuco, um trabalhador do Rio Grande do Norte pudesse produzir um produto de muita qualidade e colocar no supermercado de qualquer lugar do país. Ele não tem que ficar preso ao seu município.

Eu então, estava perguntando para o Guilherme, agora: Guilherme, como é que está andando o Suasa? Ele falou: “Presidente, tem problema.” Tem problema porque o Decreto que eu fiz tinha que ser regulamentado e não foi ainda. Então, veja, já faz três meses que eu fiz, achei que já estava todo mundo vendendo e ainda não foi regulamentado. Isso acontece todo santo dia. Você pensa que a criança nasceu e, quando você vai ver, o casal nem tinha pensado na criança.

Então, essas coisas Guilherme, eu quero que você e o Ministro da Agricultura, se tiverem divergência, a divergência tem que ser tirada na minha mesa, porque a gente não pode ficar mais uma semana, mais um mês, mais 15 dias com esse problema. Não é possível porque, vejam, você tem a decisão de fazer, você faz o Decreto, tem apenas que regulamentar e demora muito. Isso acontece todo dia, a toda hora e em todo lugar. Acontece nas prefeituras, no governo do estado, o Fritz foi prefeito, ele sabe, acontece na Caixa Econômica Federal, acontece no Incra, acontece até na casa da gente. Quantas vezes a gente pede para o filho fazer um favor para a gente, hoje os filhos estão tão ligados que a gente não manda mais, a gente pede favor, ele fala que vai fazer e depois de três horas você percebe que não tem nada feito. Então, nós temos que fazer algumas correções para que a máquina possa funcionar



corretamente.

Por fim, eu estou vendo a reivindicação de universidade desde que eu cheguei ao aeroporto. Vou contar uma coisa para vocês. Nós estamos completando 42 meses de governo. Nesses 42 meses de governo nós já estamos fazendo quatro universidades federais novas, uma universidade tecnológica no ABC Paulista, uma universidade na cidade de Dourados, uma universidade em Bagé, que é a Universidade dos Pampas, no Rio Grande do Sul e uma universidade federal no Recôncavo Baiano.

Estamos transformando seis faculdades em universidades e já fizemos 42 extensões universitárias. Ou seja, estamos levando cursos das universidades federais, que normalmente estão nas capitais, para o interior do país. Por quê? Porque a gente quer ver se a nossa juventude, que mora numa cidade de 100 mil habitantes, de 150 mil habitantes, que tem uma qualidade de vida com muito mais tranquilidade, não precise sair da sua terra natal para ir estudar numa grande metrópole. Ela tem que ter condições de estudar. Então, ao invés de o estudante ficar procurando, no Brasil, uma universidade, é melhor que a universidade vá atrás de onde estão as pessoas necessitadas. São 42.

Ao mesmo tempo, vocês estão sabendo que no Brasil era proibido fazer escola técnica desde 1998. Nós mudamos a lei e este ano vamos inaugurar 42 escolas técnicas, já inauguramos algumas. Vejam, se você pega um jovem... Chapecó inaugurou já? Em Chapecó está pronto. Não é que eu não quis inaugurar, eu tenho Chapecó e tenho Joinville, eu tenho as duas, o problema é que a minha agenda está apertada. Mas considerem inaugurada.

E por que nós estamos fazendo isso? Porque hoje você tem uma menina de 19 anos, 18, anos, 17 anos, você tem um menino de 16, 17 e 18 anos, se você não der para ele uma perspectiva de que ali, na sua terra, perto de seus pais, ele vai ter oportunidade de progredir, porque hoje as mulheres estão muito “bam-bam-bans”, a mulher não se contenta mais em ser chamada



de doméstica. Nada. Elas já estão exigindo ser chamadas de executivas do lar, já estão exigindo ser executivas do lar. E eu acho que a garantir da profissão é uma coisa sagrada. Eu fico olhando a cara das pessoas que já têm filho, do pai e da mãe, vamos ser francos, nenhum de nós – eu tenho cinco – sonha em deixar dinheiro como herança para os nossos filhos, porque a gente não tem, a gente não pensa em deixar uma grande casa para os filhos, porque a gente não tem.

Qual é a herança que nós sonhamos em deixar para os nossos filhos? É que eles tenham possibilidade de ter uma formação profissional, de chegar a uma universidade e de serem independentes, porque tanto para o homem quanto para a mulher, na hora que tem uma formação, vai ficar independente, o marido não vai chegar em casa gritando com a mulher, porque ela fala: “espera aí, meu, não estou precisando do teu dinheiro, não, porque eu ganho até mais do que você.” Mas para isso ela tem que ter uma profissão, porque se não tiver, ela vai ficar sempre esperando que sobre dinheiro do marido para comprar uma coisinha para ela. Às vezes ela tem necessidade, se o marido sabe... mas se ela estiver trabalhando, não, ela vai ser dona do seu nariz e vai viver muito mais em harmonia porque o marido pensa duas vezes antes de brigar com ela, vai trazer uma certa harmonia dentro de casa. Quem é casado sabe disso.

E, ao mesmo tempo, o menino homem, se a gente não cuidar dele, ele vai embora mesmo, porque são uma tentação as luzes da cidade. O cara fica pensando em ir para a praça, o cara fica pensando em ir para o cinema, ir para o teatro, fica pensando nas meninas da cidade e ele quer ir embora. Quer ir embora porque pensa em trabalhar, fazer qualquer coisa. Então, se ele tiver uma profissão ligada à região dele, ligada à particularidade das coisas que a sua região produz, certamente esse jovem ficará no campo por uma opção, e vai produzir muito mais, e vai ser muito melhor para a vida dele. Por isso que nós estamos fazendo isso. E aí eu vi a história da Universidade dessa região



Meso não sei das quantas que vocês falaram aí, MesoSul.

Vejam, nós temos interesse em criar muitas universidades, até porque todos nós estamos convencidos, e vocês sabem disso, de que não há exemplo, na história da Humanidade, de qualquer país que tenha progredido sem investir no conhecimento do seu povo. Não conheço país que cresceu ou ficou rico porque o povo era analfabeto; não conheço nenhum país que cresceu e ficou rico porque o povo vivia na ignorância. Para que o país cresça é preciso investir em educação. Vejam que eu utilizei a palavra educação.

E por que eu utilizei a palavra investir em educação? Porque até outro dia a palavra utilizada era gasto com educação. E quando a gente investe em educação, que a gente forma um menino em engenheiro, forma um menino em técnico agrícola, forma em qualquer profissão, é um investimento que tem retorno extraordinário a curto prazo, não apenas para ele, pessoa física, mas para a Nação brasileira.

Então, nós vamos continuar investindo. Você já conversou, Tortelli, com o Ministro da Educação, os deputados já conversaram e você pode ficar pronto. A gente só não vai anunciar aquilo que a gente não pode fazer agora, porque também a gente não tem tempo. Depois do dia 30 eu não posso mais ficar anunciando muita coisa. Mas quero dizer para vocês que podem ficar certos que essa universidade vai sair, porque o Estado brasileiro precisa muito. Agora, no Rio Grande do Sul, ao anunciarmos a Universidade dos Pampas, que é lá em Bagé, ao mesmo tempo anunciamos dez extensões dela. Então, em dez cidades em volta de Bagé vai ter cursos para que as nossas meninas e os nossos meninos possam continuar estudando.

No mais, eu queria dizer para vocês que não há possibilidade de retrocesso no que nós avançamos até agora. Vocês sabem que a economia brasileira está bem, vocês sabem que o país está se arrumando, está se arranjando, vocês sabem que o salário tem crescido, os sindicatos têm conquistado mais aumento de salário. O salário mínimo atingiu não um nível



importante, mas hoje pode-se comprar duas cestas básicas contra 1,3 que a gente comprava algum tempo atrás. O programa Luz para Todos é uma revolução neste país. Esta semana eu fui à Bahia, cheguei às sete horas da noite numa casa, estava a família em volta de um candeeiro. Eu peguei o candeeiro, peguei a dona da casa e levei, na hora em que eu meti o dedo na tomada e acendi a luz, aquilo era como se fosse um milagre, porque você tirou uma pessoa do século XVIII para o século XXI, numa fração de segundos.

Então, o que nós precisamos é ter tranqüilidade. Tem muita gente nervosa, tem muita gente nervosa na praça, tem muita gente falando muita coisa, tem muita gente me xingando, tem muita gente fazendo muito desaforo. Eu agora estou vendo, eu acompanho muito o Ronaldinho Gaúcho jogar, pela televisão, e de vez em quando eu vejo o pessoal dar botinada dura nele, ele cai no chão, mas ele se levanta rindo, ele não se levanta bravo. Então, agora eu vou fazer política como o Ronaldinho joga bola, eu vou deixar as pessoas que não gostam da gente muito nervosas e, quanto mais nervosas elas estiverem, mais significa que nós temos que estar calmos, porque nós temos mais responsabilidades do que elas, nós temos mais compromissos do que elas, e se a gente ficar nervoso, sobretudo você, Tortelli, que está meio rechonchudinho, na delicadeza a gente fala “está um pouquinho obeso”, você não pode ficar nervoso porque você viu o nosso querido Bussunda morrer com 43 anos de idade, de infarto. Então, nós precisamos tomar cuidado. Tranqüilidade é a nossa arma, tranqüilidade é a resposta que nós temos que dar a quem está nervoso. E posso dizer para vocês que já estou convidado, sendo ou não presidente da República, a participar do próximo encontro da Fetraf-Sul, seja ele onde for.

Muito obrigado, que Deus abençoe todos vocês.

Eu estava falando e estava vendo, ali fora, a fumaça do churrasco. Eu pensei comigo: como este povo é bondoso, porque ficar vendo uma pessoa falar, falar, e a carninha queimando ali, e todo mundo com a barriga vazia,



vocês têm muita paciência, tem o coração muito grande. Por isso, muito obrigado pelo carinho de vocês. Até outro dia, se Deus quiser.